

TERMINOLOGIA GEOGRÁFICA

A terminologia geográfica aplicada na Amazônia deriva, mais por ventura do que em outra qualquer região brasileira, do linguajar indígena, por longo prazo aceito e praticado pela população, para cuja composição étnica o ameríndio contribuiu em alta porcentagem.

Há peculiaridades vocabulares, que de balde serão procuradas em paragens distantes, ao passo que outras emigram, para circularem alhures, com igual significado, ou pouco diferente.

Entre os pesquisadores que se dedicaram a estudá-las, adquiriu lisonjeira nomeada VICENTE CHERMONT DE MIRANDA cujo *Glossário paraense*, mais acentuadamente marajoara, traz a data de 1906, como também os escritores mais recentes, do naipe de RAIMUNDO MORAIS (*O Meu Dicionário das Cousas da Amazônia*), de ALFREDO AUGUSTO DA MATA (*Contribuição ao Estudo do Vocabulário Amazônico*), Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas), de AMANDO MENDES (*Vocabulário Amazônico*).

Como sejam conhecedores das particularidades da linguagem regional, as definições que formularam, de acôrdo com o conhecimento direto dos fenômenos, merecem aceitação.

Por isso, foram aproveitadas na relação a seguir, integralmente, ou em parte, e para que se distinga a procedência respectiva, levarão as iniciais do autor que as elaborou com precisão.

*

ABERTA — Vereda a ligar clareira ou campo ou floresta com um outro, ou com a margem do igarapé ou rio, com o fito sempre de encurtar o caminho e facilitar as comunicações. V. CHERMONT diz ser o lugar onde o campo rompendo a mata marginal vem até a baixada do rio. (A. A. M.).

AGUAÇAL — Grande extensão de água represada, quieta, paludosa, pela invasão da floresta ou terras baixas, e onde a vegetação aquática prevalece, dando lugar ao ajuntamento de jacarés e tôda sorte de ofídios, especialmente as sucurius (*boa constrictor*) (A. M.)

AGUAS-MORTAS — Marés de quadratura. Quando o fluxo e o refluxo mal se fazem sentir. (R. M.)

AGUAS-VIVAS — Marés de equinócio, quando as correntes são impetuosas e a massa das águas aumenta de volume. (A. M.)

AJURI — Reunião de pessoas do lugar para um trabalho em comum, de parceria. "Convidei os vizinhos para um ajuri no domingo vindouro. Vamos preparar a palha para a cobertura da casa". Tem variada sinonímia: — *Batalhão* em Sergipe e Bahia; *Adjunto* em Pernambuco e Ceará (GARCIA REDONDO); *Bandeira* em Paraíba e parte de Minas; no Pará: *Potirum*, *Potiram*, *Puxirum* e *Mutirum*, *Mutirão* e *Muxirão*, (AMADEU AMARAL). Do tupi-guarani, *ajuri* — trabalho em comum. — *Potirum* do guarani e a significar *mãos a obra, vamos trabalhar* (MONTOYA). Ajuri no Amazonas e no Pará também. (A. A. M.).

ALTO — Têso. Parte mais elevada nos campos baixos e mondongos, a qual pouco alaga e pouco ou nada atola no inverno. O *alto*, quando rodeado de pirizal ou aningal, toma o nome de *escalvado*. (V. C. M.).

ALVARENGA — Grande embarcação de ferro em que os navios descarregam ao largo. Tem a bôca larga e aberta, tolda de zinco corrediço, pouco pontal. Há de várias toneladas, proa e pôpa iguais. Navegam rebocados. (R. M.).

ANDARES — Praias em forma de anfiteatro peculiares na vazante de certos rios da Amazônia, em particular o Purus, onde as águas baixam de nível cêrca de dez a vinte metros e às vêzes mais. Apresentam o aspecto de grandes degraus em enorme escadaria. As tartarugas desovam no plano inferior. (Cit. já pelo Eng.º ARNALDO DA CUNHA). Sempre usado no plural. (A. A. M.).

APICUM — Trato de terra a beira mar, mais ou menos sem vegetação, periodicamente coberto e descoberto pelas marés e onde vão se depositando os sedimentos que as correntes conduzem. Do tupi *apê cum*, caminho comprido, estreito (da Bahia). Escuma que sobe à superfície dos poços de mandioca. (CHERMONT). (A. A. M.).

- ARAÇARI** — Lugar elevado. Chapada. Do tupi *ara*, *çu*, *ri*, local elevado e de onde vêem-se pontos longínquos. (A. A. M.).
- AREIA-GULOSA** — Solo em certos rios e praias coberto de areia onde qualquer animal pesado se atola. São formados por uma camada de areia superposta a outra de tijuco mui diluído. (V. C. M.).
- ARENITO** — (Pedra de areia) — É a pedra por excelência do vale amazônico. De tons vermelhos, vai, do róseo ao roxo, emoldurando o anfiteatro da Planície. Em Manaus vê-se o arenito por tôda parte: nos degraus da cachoeira Grande, no salto do Taumã, no leito dos igarapés e nas múltiplas chanfraduras por onde reponta a pedra. E isso reflete-se na fisionomia da "urbs". Desde a faixa do cais até as pilastras da caixa d'água, desde a pavimentação de certas ruas até ao relógio público, desde a parede dos templos, das casas, dos quartéis, dos palácios, dos hospitais, até ao arco das pontes, ao muro dos quintais, ao arcabouço das fábricas, — que o arenito avermelha em vários tons. (R. M.).
- ARPÃO** — Longa haste cilíndrica de madeira de lei um pouco afilada numa das pontas onde se encastoia um bico de aço farpado. Serve para matar peixes grandes, pirarucu ou peixe-boi. (R. M.).
- ARUÁS** — Significa tranqüilo, manso, bonito, na língua geral. Nome duma tribo selvagem que viveu na ilha de Marajó, lado de leste, na parte batida pelos ventos do mar. Há mesmo quem afirme que os aruã, e não os nheengaiba, foram os índios que deixaram o rastro da maior civilização na ilha de Marajó através da cerâmica atualmente exumada. (R. M.).
- ASSENTADO** — Lugar mais alto, nas praias, seguro, onde não chegam as águas. (A. M.).
- ATERROADA** — Pequenas elevações nos campos altos, produzidas pelas minhocas, por cupins, por formigas. Depressões amiudadas, nos terrenos baixos e atolentos, impressas pela pata do gado durante o comêço e o fim do inverno. Etimologicamente deveria dizer-se *atorroado*, ou *torroada*, de *torrão*, mas entre os quinhentistas, já João de Barros escrevia *terroada*. (V. C. M.).
- AVIADO** — Seringueiro que tem por sua conta, junto do dono do seringal, um certo número de homens. É um intermediário, parasita, que vive entre o padrão e o toqueiro, seringueiro êste que entrega a borracha no tóco da árvore por um preço vil. (R. M.).
- AVIADOR** — Comerciante das capitais amazonense e paraense que avia, isto é, que remete mercadorias para alimentar o pessoal dos seringais durante a safra. *Casa aviadora*, que vende gêneros e compra os produtos da Planície. (R. M.).
- BAIXIOS** — Bancos de areia com pouca altura d'água, lugares de pequena profundidade, formado enseadas, durante a vazante dos rios. (A. M.).
- BAIXO** — Coroa de areia ou lama que, a baixa-mar, fica quase à superfície ou descobre completamente. Sin.: *Baixio* e *baixo*. Nos rios de águas tranqüilas e nos igarapés, os lugares de pouca profundidade ou que descobrem à baixa-mar são *baixos*; *baixios*, que de longe denotam a sua situação pela maré ou pela arrebentação, só se encontram nas baías e amplos estuários. (V. C. M.).
- BALCEDO** — Toiças enormes por vêzes, formadas pelo entrançamento de vegetais, gramíneas em particular, nos alagadiços, a lembrar pequenas ilhas flutuantes, a dificultar quase sempre a navegação. São de ordinário deslocadas pela correnteza e projetadas a grande distância. No Amazonas não lhe emprestam o sentido de matagal, ou de terreno inculto, onde crescem arbustos com espinhos, — (V. CÂNDIDO DE FIGUEIREDO), porém sim o de V. CHERMONT, que disse ser o balcedo nos campos marajoaras terreno alagadiço, onde vegetais sarmentosos dificultam o trânsito quando assás desenvolvidos. Assim também não denominam um alagadiço, "balcedoso, um paúl com atoleiros..." "Depois do igarapé de Gurupá, o balcedo torna-se enorme, sendo quase impossível a navegação para o Autaz". (Amazonas). Outrossim o matupá, mururu e aninga não são balcedos, porém sim êles o constituem, reunidos ou não, portanto balcedo ou balseiro de matupá, de aninga, de mururu, e nunca de mururé, por ser êste uma árvore. (A. A. M.).

BALSA — Aglomerado de peles (bolas de borracha unidas umas as outras por meio de finos cabos de arame. Desce dos altos seringais quando o rio, seco, não permite o tráfego de lanchas e gaiolas. Baixa, ao sabor da corrente e empurrada a varejão, até aos pontos em que encontra navio para o transporte. É a mercadoria levando o mercador. Os condutores vêm em cima trazendo o bagagem em sacos impermeáveis de seringa amarrados na boca. A viagem representa verdadeira odisséia. A balsa encalha, engancha em paúis, se desfaz a cada passo, obrigando a guarnição a passar o dia dentro d'água. É um trabalho hercúleo do homem da Amazônia conduzir a goma elástica, por esse processo, no tempo de verão. (R. M.).

BAMBURRAL — Lugar, geralmente à margem dos rios, de densa vegetação arbustiva, ou arbórea pouco alta, e entrelaçamento de cipós tal, que se torna quase impenetrável. (V. C. M.).

BANCO DE PEDRA — Afloração nos rios, tornado-se obstáculos à navegação, durante a vazante. (A. M.).

BANCOS — Encontro d'água, torrões encaixados no leito do rio, denunciados pelos rebojos, no regime da enchente, até 1 metro acima do nível, com rara violência. (A. M.).

BANZEIRO — Superfície agitada das águas, que fazem ondas pela passagem de uma embarcação a vapor, no rio. (A. M.).

BARCO — Nome por que é conhecida a embarcação que conduz gado de Marajó. Pega 50 a 100 reses, bôca aberta, tolda à pôpa, tem dois latinos e uma bujarrina. Feita de madeira, cruza o estuário, navegando entre a contracosta (orla de Marajó aberta para o mar) e a baía do Guajará. É um excelente veleiro, em cujo leme o caboclo paraense afirma sempre as suas inextinguíveis qualidades de navegante. (R. M.).

BARRAÇÃO — Casa de negócio, coberta de palha, ou telhas, geralmente de girau, nos seringais. (V. C. M.).

BARRANCO — Terra a pique na beirada dos rios. (R. M.).

BARREIRAS — Manchas vermelhas, amarelas, brancas, cinzentas, que se divisam dos rios nas terras altas que marginam os caudais. Trechos de terra firme, desnudos, chegados pela erosão das águas. Barreira do Cuçari, fronteira à ilha das Cuieiras, pouco acima de Monte Alegre — Barreira do Cararau, a jusante da boca de baixo do paraná da Capela. (R. M.).

BARREIRO — Porção de terreno salobro ou salgado, em várzea ou floresta, rico de cloreto de sódio. Os animais chegam a cavar verdadeiras furnas para comer as raízes, de que tornam-se ávidos pelo sabor salgado. As antas derrubam até palmeiras. Os caçadores preferem sempre a proximidade do barreiro para o seu desporto; os mateiros visitam-no diariamente nos seringais, porque a caça é aí sempre variada e abundante. Disse JOHN BRANNER (*Geologia elementar*) ser o fenômeno chamado *barreiro* peculiar a regiões áridas e semi-áridas, o que não ocorre na Amazônia, de solo florestal sempre úmido, e os barreiros, aliás de relativa freqüência no alto Amazonas, são ricos aí de cloreto de sódio, o que desde antanho tem sido comprovado. (Com idêntico sentido na *Rev. do Inst. Hist. do Rio*, 1894). Fôsse em terra argilosa para conservar águas pluviais por longo tempo em regiões da caatinga, disse R. TEÓFILO. (A. A. M.).

BATELÃO — Barcaça de 3, 4, e 10 toneladas de deslocamento, em geral de bôca aberta, própria para ser tirada a remo de mão ou de fala. Usam-no também rebocado no costado das lanchas que trafegam no Amazonas e seus afluentes. Os estaleiros de Abaeté, Santarém, Óbidos e Uriximiná, são famosos na construção de batelões de itaúba preta, madeira insubstituível nesse gênero de transporte. (R. M.).

BATEIRA — Canoas de bom porte, fundo chato, sem mastreação, destinada ao transporte de carga morta nos rios tranqüilos. (V. C. M.).

BEBEDOURO — Lago, rêgo, igarapé, rampa ou praia onde o gado bebe. Bebedouro real, aquêle que nunca seca. Bebedouro de enchente e vazante; o que é quinzenalmente alimentado pelas marés de águas vivas. (V. C. M.).

- BEIRADA** — Nome genérico dado às margens dos rios, lagos e igarapés. (A. M.).
- BIBOCA** — Pequena casa de comércio e pouco sortida. Gruta ou quebrada em lugar despovoado e distante. Caminho cheio de depressões e buracos (brocotós) devido à enxurradas (T. SAMPAIO e B. ROHAN). “A meio caminho... fui ter à biboca de um velho negro em plena mata. (M. LOBATO). Biboca no sentido de gruta provem do tupi *yby* terra *boc* fendida, escavada; e casebre, casinha de terra ou barro de *yby* terra *og* casa. (A. A. M.).
- BÔCA** — Foz de rio. Desaguadouro. (R. M.).
- BOCAINA** — Foz de rio ou entrada de lago, abrindo comunicação com outro rio, por um desaguadouro. (A. M.).
- BRABO** — Seringueiro novato, que acaba de chegar do Nordeste. Sem conhecer a região, é completamente cego. Carece pelo menos de um ano para se adaptar à ambiência. Ainda assim, mesmo depois de integrado e identificado aparentemente ao meio, jamais alcança aquêles atributos sutis e extraordinários do caboclo, que distingue os mais contraditórios rumores, os mais suaves perfumes, as mais delicadas nuances na hiléia. Pela folhagem, pelas flores, pelo rastro, pelos frutos, pelos alísios, pelos rios, pelas estrêlas, pelos assobios, êle tem o sentido exato das estações, dos meses, dos dias, das horas. O seu grande calendário é a natureza, em cujo seio, como nas fôlhas de um livro, êle soletra os maiores enigmas da Amazônia. Fenômenos que escapam aos sábios, são anunciados ao caboclo pelo seu almanaque ao ar livre, e que lhe transmite as informações da flora e da fauna, dos ventos e dos astros, da terra e das águas, dos homens e dos bichos, por maneiras tão especiais, que ninguém senão êle as interpreta. O “brabo”, coitado, trocando uma zona calcinada, ardente, por uma planície virente e úmida, vê, ouve, cheira, palpa, e não percebe nada. (R. M.).
- BRAÇA** — Medida usada nos prumos de bordo dos “gaiolas”. A linha é dividida em braças. A primeira braça é marcada por um tolete transversal de madeira, de maneira a ficar bem a vista do marujo que sonda na borda. Cinco braças! Quatro braças! Três braças! Duas braças! Braça e meia! Uma, folgada! Uma, na marca! Uma, escassa! A embarcação nesta voz, com a quilha roçando o álveo, porque a média do calado dos “gaiolas” é uma braça, quase seis pés. Alguns demandam mais água, outros menos. (R. M.).
- BROCA** — Caminho em mata fechada em busca de outro em ponto predeterminado, ou a levar rumo desconhecido, ou para precisar o local. (A. A. M.).